

# Relação em crise

• No pós-carnaval, o relacionamento entre o presidente Fernando Henrique e o senador José Sarney não será mais o mesmo. O presidente foi para Ibiúna aborrecidíssimo com o senador. Já achava que Sarney vinha tendo um comportamento ambíguo em relação aos problemas internos do PMDB. Com a entrevista à revista "Veja" da semana passada, o caldo azedou de vez, conta um ministro que andou falando com FH em seu retiro.

Um político amigo de Sarney, por sua vez, antecipa que ele gravará um pronunciamento apoiando a tese da candidatura própria à Presidência. Se isso se confirmar, pelo menos 31 convencionais (27 do Maranhão e quatro do Amapá) votarão contra o Governo na convenção do partido.

Na entrevista, Sarney fala muito bem do Plano Real, a grande obra de FH que diz estar pronto a defender contra qualquer ataque especulativo. De fato, fez isso em dezembro. Mas, em seguida, diz:

"O Real se encontra aprisionado na armadilha do câmbio valorizado e dos juros altos. Sua lógica é promover o crescimento econômico às custas da desindustrialização do país e da desnacionalização das empresas, da supressão de empregos e da perda da capacidade de decisão do Governo. Minha discordância fundamental reside neste ponto: em nome da globalização, estamos renunciando a qualquer projeto político maior, compatível com o tamanho do Brasil, com seu peso no continente e com sua força econômica", diz Sarney nas páginas amarelas.

De fato, um discurso que ficaria bem na boca de Lula, de Ciro Gomes ou de qualquer adversário. Mas Sarney nunca foi

um aliado incondicional e nem é esta a primeira vez que FH o estranha. Mas além do ataque, diz o ministro (também enfurecido), o presidente estranha muito o comportamento do ex-presidente na disputa interna do PMDB. Enquanto sua filha Roseana, candidata a um novo mandato de governadora no Maranhão, anuncia seu apoio a FH, e até costura um acordo com o PSDB, Sarney estimula a candidatura de Itamar Franco. Com os governistas, desdenha da batalha de Paes de Andrade em defesa da candidatura própria. Com Paes, estimula a queda-de-braço com os governistas na convenção de 8 de março.

Mas foi Sarney quem propiciou um entendimento entre as duas facções do partido, garantindo assim a realização da convenção em março. Dê no que der, quanto mais cedo essa questão for resolvida, melhor para Fernando Henrique.

O ministro concorda, mas enumera benefícios que o grupo de Sarney teria recebido do Governo, razão porque um tal comportamento lhe parece ingrato, incoerente e inadmissível. Das outras vezes, tudo terminou numa conversa amena. Mas agora, diz o ministro, Fernando Henrique quer saber de que lado mesmo está Sarney.

O GLOBO

25 FEV 1998